

Segue o “fluxo”! Emoções a partir de uma etnografia numa cena de uso de crack no centro da cidade do Rio de Janeiro¹

Rodolfo Ferreira (SEEDUC-RJ)

Palavras-chave: emoções, etnografia, vergonha

1. Introdução

Este não é um artigo sobre drogas², tampouco sobre os efeitos que substâncias psicoativas podem desencadear em seus usuários. Como Cientista Social, não me vejo qualificado para discorrer sobre os efeitos físico-químicos de substâncias psicoativas no organismo humano. Pretendo apresentar um outro viés de interpretação que contorne a perspectiva médico-jurídico-criminal, consagrada durante muito tempo, quando falamos sobre pessoas que fazem um uso considerado problemático³ de psicoativos, notadamente o crack⁴. Obviamente, não poderia me recusar a adotar os parâmetros indicados pelos órgãos competentes, como a Organização Mundial de Saúde, quando menciono o crack e o seu consumo problemático. Não é possível me esquivar de definições consagradas pelo

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

² Segundo a organização mundial de saúde (OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Tradução: Dorgival Caetano, 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 69-82, 1993.

³ Segundo relatório da OMS-UNDOC, pelo menos 8% dos indivíduos que começam a usar drogas psicoativas desenvolverão um transtorno por uso de drogas ao longo do tempo, com variações significativas para diferentes classes de substâncias psicoativas. O uso problemático ou “transtornos devido ao uso de drogas” compreendem uma categoria mais ampla de condições de saúde que incluem intoxicação, síndrome de abstinência e uma série de transtornos mentais induzidos por drogas. Muitas vezes andam de mãos dadas com um desejo significativo de usar drogas psicoativas, que pode persistir ou facilmente ser reativado, mesmo após um longo período de abstinência. Muitas vezes, os transtornos por uso de drogas estão associados com uso perigoso ou prejudicial de outras substâncias psicoativas, como álcool ou nicotina, ou com dependência de álcool e nicotina. Relatório da OMS-UNODC International standards for the treatment of drug use disorders – Revised edition incorporating results of field-testing, 2020 p. 04. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331635>

⁴ O crack é um derivado da pasta base da coca, estabilizada com a adição de uma substância alcalina (base) como, por exemplo, o bicarbonato de sódio, e é primariamente consumido como uma pedra fumada. O crack foi inicialmente identificado nas ruas dos Estados Unidos na década de 1980, com forte concentração em comunidades em situação de vulnerabilidade social, habitualmente vivendo nas regiões centrais (empobrecidas com o deslocamento da classe média para os bairros mais afastados e subúrbios), de cidades das costas Leste e Oeste, como Baltimore, Maryland, MD e Los Angeles, CA (Smart, 1991). Neste período inicial, as cenas (locais de maior concentração) de tráfico e consumo se sobrepunham de forma marcante com minorias étnicas e linguísticas, afetando de forma desproporcional as comunidades negra e hispânica. Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras? / organizadores: Francisco Inácio Bastos, Neilane Bertoni. – Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014, p. 13.

dispositivo médico no que tange essa questão. No entanto, gostaria de alertar e acentuar que o foco do texto são as pessoas e não as substâncias.

O texto discute os resultados de uma pesquisa sobre as emoções de pessoas que vivem numa ocupação situada no centro da cidade do Rio de Janeiro e que tiveram as suas trajetórias atravessadas pelo uso de drogas, notadamente o crack⁵. Discute os desdobramentos sociais do consumo problemático de crack por moradores e frequentadores de uma ocupação no centro da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo daqueles estigmatizados sob a pecha de “cracudos”, ou seja, indivíduos que construíram um sentido próprio de vida em torno do consumo de crack. Para tanto, busquei refletir sobre o contexto social em que estão inseridos, seus hábitos, demandas e emoções.

Assim, através de uma etnografia da ocupação Colombo, penso sobre as representações sociais em torno do uso considerado problemático de crack, analisando em que medida essas representações são internalizadas ou não pelos usuários e moradores da cena pesquisada. Procurei também examinar, a partir dos relatos e das histórias de vida dos usuários e moradores, as gramáticas emocionais relativas ao uso problemático de crack. Aqui, a vergonha emerge como afeto central, atravessando as trajetórias de vida dos meus interlocutores, conferindo sentido e contribuindo na construção de uma identidade a partir de uma imagem que tem como referência a percepção do outro sobre si. Finalmente, gostaria de propor que a vergonha pode ser entendida como a maneira pela qual os moradores e frequentadores da ocupação acabam por internalizar a “cultura da evitação”. A vergonha surge como expressão de um certo ressentimento pela forma como são vistos e tratados pelos “outros” e se reflete na própria “construção de si”. Por outro lado, também atua como catalizador de relações de sociabilidade e solidariedade, conferindo aos moradores/frequentadores um sentido de pertencimento e comunidade.

Nesse sentido, como podemos situar, do ponto de vista das Ciências Sociais, aqueles usuários que desenvolveram um consumo considerado problemático? Como pensar as dimensões de consumo geradoras de uma corporalidade e temporalidade específicas? De que maneira o consumo problemático de crack atravessa as histórias de vida de nossos interlocutores? Como forjar uma adequada compreensão das dinâmicas sociais que envolvem o consumo de crack? É possível, a partir das histórias de vidas de

⁵ Silva, Rodolfo Ferreira da. Segue o “fluxo”! Emoções a partir de uma etnografia numa cena de uso de crack no centro da cidade do Rio de Janeiro. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Sociais. Defesa em 29/05/2024.

nossos interlocutores, suas expectativas e sentimentos, pensar a dimensão micropolítica das emoções? Nas páginas a seguir, procuro esboçar as estratégias e caminhos que pretendo adotar para alcançar tal intento.

2. Drogas e Ciências Sociais

Existe um relativo consenso nas Ciências Sociais de que o uso de substâncias psicoativas não deve ser descontextualizado, ou seja, que esta questão não pode ser compreendida sem levar em conta o seu contexto social e histórico.

Inicialmente, o uso dessas substâncias era percebido nas Ciências Sociais de forma acessória, como uma espécie de complemento aos esforços médico e sanitário para apontar possíveis caminhos e “solucionar” o problema. Nesse sentido, os estudos consideravam o uso de substâncias psicoativas como um “desvio” das normas sociais vigentes. Segundo Fiore: “Os estudos sobre drogas se situaram, assim, sob o mesmo guarda-chuva temático de delinquência e da violência (...) e foram profundamente influenciados pelo funcionalismo e pela sociologia aplicada norte-americana.” (FIORE, 2020, p. 23).

Com o surgimento da escola sociológica conhecida como “Interacionismo Simbólico” e o questionamento do conceito de desvio, tornou-se possível estabelecer uma reflexão de orientação disciplinar especificamente sociológica para o uso de psicoativos.

Um dos primeiros estudos sobre o tema e que acabaria por se tornar canônico foi o trabalho de Howard Becker (2008), publicado originalmente na década de 1960, sobre o uso de maconha. Aqui, Becker adota uma perspectiva pendular em que, por um lado, produz um amplo levantamento empírico a fim de mapear formas e sentidos do uso dessa droga e, por outro, investe no detalhamento de como a pecha de desviante é socialmente atribuída ao grupo de usuários.

Nesse sentido, torna-se fundamental perceber o contexto social e cultural no qual indivíduo e substância estão inseridos, desnaturalizando a questão. É preciso considerar a diversidade de atores e contextos para obtermos uma melhor compreensão do significado do uso de substâncias psicoativas por diferentes atores em diferentes sociedades e, portanto, diferentes culturas. No caso específico do uso da maconha, Becker afirma que é um hábito que se estabelece a partir de um aprendizado; uma trajetória na qual se desenvolve o que chamou de “carreira”.

Tendo como referência e inspiração o trabalho de Becker, Gilberto Velho produziu uma obra pioneira no Brasil, Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia, que foi

sua tese de Doutorado, defendida em 1975 na Universidade de São Paulo, e publicada em livro posteriormente, em 1998.

Em Nobres e Anjos, Velho busca mapear os estilos de vida e visões de mundo de dois grupos das camadas médias cariocas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Primeiro, os vanguardistas-aristocratas, que pertencem ao que o autor denominou de "roda intelectual-artístico-boêmia". Em seguida, um grupo de jovens surfistas que gravitavam em torno de uma lanchonete em Ipanema, com origem social estruturalmente semelhante à do outro – burguesia empresarial e profissionais liberais com projeto de ascensão social. Segundo Velho: “o ponto de partida para a seleção do universo pesquisado foi a utilização regular de tóxicos. Parti assim, da própria visão de mundo desses grupos que classifica as pessoas em função de sua relação com os tóxicos.” (VELHO, 2008, p. 13).

Sobre o consumo e o tratamento para o uso problemático de crack do ponto de vista das ciências sociais, os trabalhos discutem em sua maioria, os desdobramentos sociais das políticas públicas a partir de um olhar antropológico e sociológico, tendo como dimensão principal os aspectos sociais relacionados aos usos dessas substâncias.

Frúgoli Jr. (2011) debate a questão da territorialidade no uso de crack na cidade de São Paulo. Assim, discute a questão da mobilidade do ‘fluxo’ (concentração de usuários) em função de ações repressivas ou de atenção social por parte do poder público.

Mattar (2016) também discute a questão da territorialidade, tendo como foco a “Operação Sufoco”, que seria o marco de uma alteração no uso do espaço conhecido como “Cracolândia”. A autora trabalha com a noção de “labirinto”, local de circulação incessante na busca de um lugar seguro para os usuários estabelecerem seus modos de vida.

Também sob a ótica da territorialidade, Fromm (2017) aborda a questão a partir de um estudo etnográfico (2011-2015) realizado na “Cracolândia”, no centro de São Paulo, onde pretende investigar como essa territorialidade se consolidou nos últimos anos, como um impasse.

Rui (2012) discute a questão dos “corpos abjetos” que surgem, segundo ela, das representações sociais criadas em torno da figura dos “noia”, que seriam os usuários problemáticos de drogas, vivendo nas ruas em condições degradantes.

O livro *Jamais Fomos Zumbis: Contexto Social e Craqueiros na Cidade de São Paulo* é fruto da tese de doutorado em Antropologia defendida por Ygor Diego Delgado Alves, na UFBA (Universidade Federal da Bahia) e publicada em 2017 como parte da

colecção *Drogas: Clínica e Cultura*, lançada pelo Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD) da UFBA. A obra consiste em uma importante contribuição da Antropologia para a Saúde Coletiva, visto que considera o uso do crack com base em uma perspectiva das Ciências Humanas. Nesse sentido, entre a medicalização e a criminalização imputadas aos usuários de drogas ilícitas, Ygor Alves expõe outros meios para se lidar com a questão que valorizam, antes de tudo, a “autorregulação” do uso pelos próprios usuários por meio da promoção da cidadania e dignidade humanas proporcionadas pela abordagem conhecida por Redução de Danos. Como alternativa às medidas repressivas que buscam retirar os usuários do convívio social, este tipo de abordagem pode gerar uma intervenção direta na estrutura de vida dos usuários sem tirá-los suas liberdades individuais.

Um dos aspectos mais interessantes do trabalho de Ygor Alves para o propósito da minha própria pesquisa é a maneira como o autor enxerga a construção de sociabilidades que permeiam os espaços de consumo por ele pesquisado. Diz:

A carreira de usuário, nestes casos, se torna uma carreira de progressiva exclusão da sociedade abrangente e de inclusão de um grupo desviante organizado. Isto tem grande impacto sobre a concepção de pessoa sobre si mesma (...) Edificam uma vida cotidiana em torno do crack que preenche o tempo diário com atividades como a busca por meios para sustentar o consumo, as relações afetivas, o “corre”, “treta”, a manutenção a todo instante do barraco, das conversas e uma grande gama de atividades condizentes com a situação de rua. Sugerimos assim, a existência de uma “dependência social” de todas essas relações, vínculos e práticas proporcionadas pelo uso do crack. (ALVES, 2017, p. 37).

A citação de Alves aqui vai ao encontro daquilo que penso. Ou seja, a construção de um tipo específico de sociabilidade e de temporalidade que se estabelece a partir da tríade uso-abstinência-uso, fundamental no processo de construção de relações sociais entre os moradores/frequentadores da ocupação.

Um texto muito interessante e que tive contato apenas recentemente é o texto de Rui (2021), sobre a questão do nojo, humilhação e vergonha. Acionando autores como Butler, Douglas, Miller e Scheff, a autora articula os afetos citados acima com a extensa pesquisa etnográfica que produziu ao longo de pelo menos dez anos de pesquisas de campo sobre o uso considerado problemático de crack e de pessoas em situação de rua.

Após elencar os tipos mais frequentes de análise sobre o tema, Rui percebe uma lacuna e a necessidade de se aprofundar o debate sobre os “aspectos subjetivos da experiência com crack. Igualmente, considero que ainda há muito por avançar no campo das sensações, emoções e moralidades...” (RUI, 2021, p. 88).

Ao defender uma abordagem baseada na dimensão micropolítica das emoções (COELHO, 2021), Rui discorre sobre nojo, humilhação e vergonha, identificando como são afetos que operam como forma de desqualificação daqueles que estão nas “franjas” da sociedade mais ampla, servindo como uma forma de excluir os que não se enquadram, que não se encaixam, que não “funcionam socialmente” como deles se esperam. Se por um lado, no entanto, são afetos que podem produzir exclusão, podem também produzir um sentimento de pertencimento, invertendo a lógica.

Explicando melhor: acionando Scheff (2000), Rui demonstra como a vergonha “indica a introjeção do julgamento externo” (RUI, 2021, p. 99). Por outro lado, e isso é algo que notei também entre os meus interlocutores da ocupação Colombo, a vergonha pode operar como fator de “distinção”, entre os “cracudos indesejados” e os “cidadãos de bem”.

Dessa forma, defendo a hipótese de que a vergonha, que emerge como afeto central das trocas com meus interlocutores, operam num duplo sentido. Por um lado, refletem a internalização de padrões de comportamento e moralidades estabelecidos pelo senso comum, ou seja, de que pessoas em situação de rua e usuários de crack (“cracudos”) devem ser discriminadas e evitadas a todo custo. Por outro lado, é também através da vergonha que os moradores/frequentadores da ocupação Colombo desenvolvem um senso de pertencimento e de comunidade, que atua como catalizador de relações de sociabilidade e solidariedade.

3. De ocupação Machado de Assis para ocupação Colombo

O imóvel onde funcionava a ocupação Machado de Assis, hoje ocupação Colombo, pertenceu à confeitaria Colombo que o adquiriu na segunda metade do século passado. Posteriormente, foi vendido para a empresa Arisco, que teve seus bens adquiridos pela Unilever do Brasil S/A.

Em novembro de 2008, quando nasce a ocupação Machado de Assis, o prédio encontrava-se abandonado e degradado, característica de uma propriedade que se destina à especulação imobiliária. Os ocupantes, então, exibiam uma cópia do decreto municipal 26.224, de 16/02/2006, que declarou o edifício como utilidade pública para fins de desapropriação⁶.

⁶ Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/sobre-a-ocupacao-machado-de-assis-no-centro-do-rio-de-janeiro/>

A ocupação foi organizada por militantes da Frente Popular⁷, estudantes universitários e militantes independentes. A maior parte de seus ocupantes era composta por trabalhadores informais, que buscavam um espaço para moradia sem custos, bem como manter-se na região central da cidade, próximos de oportunidades de trabalho, acesso a equipamentos de saúde, educação, cultura e lazer.

O espaço foi organizado no modelo de autogestão, cujos militantes e moradores discutiam e votavam de maneira horizontal as decisões tomadas. No baldio que fica atrás do prédio, foi construída uma horta comunitária, bem como havia um revezamento entre os moradores na sua “portaria” para garantir a segurança do local.

Após decisões judiciais que permitiram a desocupação do espaço, acordos de indenização de pequenos valores e promessa do pagamento de aluguel social, a ocupação Machado Assis foi desfeita em maio de 2012. Alguns moradores foram transferidos para os bairros de Senador Camará e Cosmos, ambos distantes mais de 50 km do centro da cidade e com poucos recursos e equipamentos sociais.

Diante do fracasso do processo de “revitalização imobiliária” da zona portuária, bem como do processo de “pacificação” daquela região da cidade, tanto os conflitos entre policiais e varejistas, bem como as ocupações voltaram à ordem do dia. No que tange a última, no entanto, há um novo modelo de gestão desses espaços onde se articulam os interesses do varejo de drogas com os dos usuários. Nesse quadro, surgem espaços de ocupação com alguns moradores anteriormente em situação de rua, que são ao mesmo tempo espaço para a venda ou uso de drogas, notadamente o crack.

A antiga ocupação Machado de Assis perde assim o seu caráter autogestionário e agora, sob o nome de ocupação Colombo, assume o papel de cena de uso de crack, onde os usuários da região central da cidade podem consumir drogas e ao mesmo tempo encontrar um local onde viver, buscar alimentação e estabelecer uma nova rede de sociabilidades.

Como professor de História do Colégio Estadual Reverendo Hugh Clarence Tucker, venho acompanhando os processos de ocupação/desocupação de espaços públicos e privados da região. A ocupação Colombo fica a cerca de 200 metros do Colégio e passou a despertar meu interesse como objeto de pesquisa nos últimos dois anos. As conversas iniciais para que pudesse chegar a esta cena de uso de crack foram proporcionadas pelo professor Pedro Guilherme, de Sociologia, também do Colégio

⁷ Coletivo formado por militantes de esquerda, sendo a maioria de inclinação anarquista.

Reverendo. Ele teve atuação destacada quando do processo de entrada no terreno da ocupação Machado de Assis, participando ativamente como militante da Frente Popular, auxiliando tanto na ocupação como nos debates sobre a organização do espaço.

Foi através do professor Pedro Guilherme que tive contato com outra militante da Frente Popular, Adriana, que é vizinha do espaço onde ficava a ocupação Machado de Assis e onde é hoje a ocupação Colombo. Adriana ocupou um papel central nesse processo, pois sua atuação como militante a manteve em contato com moradores da ocupação Colombo, mesmo com a mudança de perfil da população do espaço. Ela se articulou com outros militantes locais, inclusive pertencentes a entidades religiosas, passando a fornecer refeições, mantimentos, roupas e outros objetos aos moradores do local.

Durante algumas semanas agendei reuniões com Adriana, onde ela pôde me explicar a dinâmica de funcionamento da cena, quem eram as principais lideranças locais, como proceder no espaço, que assuntos abordar, enfim, como se daria minha aproximação. Essa orientação foi necessária tendo em vista que a ocupação Colombo está sob a zona de influência do varejo de drogas do morro da Providência e são as suas lideranças que definem como o espaço deve ser gerido. Cabe ressaltar que o varejo do crack não se dá na ocupação Colombo, mas numa outra ocupação conhecida como Elma, que fica na rua ao lado. Os usuários então, são orientados a comprar o crack na ocupação Elma e usar na ocupação Colombo. Trata-se, penso, de uma estratégia do varejo de drogas naquela região, no caso específico do uso de crack. Tendo em vista que a UPP da Providência continua em atividade, me parece uma forma de criar uma dimensão mais fluida tanto ao comércio como ao uso do crack, que não desperte tanto a atenção, afastando-se do principal acesso ao morro da Providência, na região da central do Brasil. Para acessar tanto a ocupação Elma como a Colombo faz-se necessário atravessar o túnel João Ricardo, que liga a região da Central do Brasil à região da Gamboa. No entorno da ocupação estão, além do Colégio Estadual onde leciono, a Clínica da Família Nelio de Oliveira, a Vila Olímpica da Gamboa, a Cidade do Samba e a estação Providência do VLT (veículo leve sobre trilhos). O VLT, uns dos símbolos da modernização da região portuária, inclusive, tem a ocupação Colombo situada ao lado dos seus trilhos.

Foi numa dessas conversas com Adriana que fui apresentado a Aline, umas das lideranças da ocupação. Através de Aline, travei os meus primeiros contatos com o prédio e as pessoas da ocupação Colombo.

Num primeiro momento, minha presença ali gerou um misto de desconfiança e curiosidade. A liderança exercida por Aline no local foi de vital importância para que minha chegada pudesse se efetivar. Tanto os moradores como os frequentadores da cena pareciam desconfiados em princípio e, graças à presença de Aline, a desconfiança foi cedendo lugar à curiosidade. Se num primeiro momento surgiram perguntas do tipo “o que você está fazendo aqui?” ou “qual foi, playboy?”, no momento seguinte a curiosidade tomou conta e as dúvidas se deram em função do tipo de atividade que eu pretendia exercer ali. Enquanto para alguns eu era um jornalista, que estava ali para produzir uma matéria de jornal, para outros eu era um assistente social, responsável por anotar as demandas locais e buscar os necessários encaminhamentos. Finalmente, decidiu-se que eu seria “o professor” que estava ali para escrever um livro sobre a vida dos moradores/frequentadores do local. Acredito que as primeiras duas suposições se deram em função de ser frequente, conforme me relataram, a presença tanto da imprensa quanto de assistentes sociais no local, embora não tenha presenciado ainda a presença de qualquer instituição, fosse ela pública ou privada.

O trabalho de campo teve início efetivamente em meados de 2021. Ao longo do ano de 2020, a pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV2) inviabilizou o seu desenvolvimento. Desde agosto de 2021, portanto, tenho feito incursões frequentes ao campo. Inicialmente eram visitas curtas, visando estabelecer uma relação de confiança com os moradores/frequentadores. Com o passar do tempo, fui rompendo a relação de estranheza que minha presença causava e pude me aproximar mais de meus interlocutores, a ponto de dar início às entrevistas guiadas com alguns deles, bem como de obter a permissão para que o fotógrafo Ellan Lustosa me acompanhasse ao local objetivando fazer fotos tanto do ambiente como de alguns personagens.

A maioria dos moradores encontrava-se em situação de rua quando foi para a ocupação Colombo. O grupo local é formado majoritariamente de homens adultos, com mais de trinta anos de idade. No entanto, existem também muitas mulheres, bem como casais que ali vivem. Ao longo do tempo, aprendi que minhas incursões dariam um resultado melhor se fossem feitas no período da manhã. Durante este período do dia a maioria dos moradores está ainda acordando e é mais fácil encontrá-los sem ter feito ainda uso de crack. Nesse sentido, estão ainda mais relaxados e disponíveis para conversar.

A maior parte desempenha pequenos trabalhos temporários (“bicos”), como reciclagem de papelão e latas de alumínio, lavagem de vidros de carro e venda de balas

em sinal, bem como atua aplicando pequenos golpes e praticando pequenos furtos no centro do Rio de Janeiro.

Além dos moradores, o local também é frequentado por pessoas em situação de rua que fazem uso de crack. Pude observar muitas delas entrando e saindo da ocupação ao longo das horas em que lá estive. Tanto a maioria dos moradores como os usuários que frequentam o local me pareceram fazer um uso que, como apontado na introdução, caracteriza-se como problemático. Segundo relatos dos próprios, o uso de crack opera como um lenitivo que aplaca as agruras de suas vidas. Dito de outra forma, não estão ali porque fumam crack, mas fumam crack porque estão ali. Nesse sentido, passam boa parte do dia fumando, sendo esse uso interrompido nos momentos em que saem para conseguir dinheiro, comprar mais crack e retornar para a cama. Alguns moradores ainda têm problemas com o sistema judiciário e utilizam tornozeleira eletrônica, como no caso de um dos nossos interlocutores, o Alexandre.

Embora em número menor, pude perceber que o local também é frequentado por pessoas que trabalham no centro do Rio de Janeiro e fazem um uso caracterizado como esporádico de crack. Em algumas ocasiões, encontrei pessoas com uniformes e crachás de empresas públicas e privadas do centro do Rio de Janeiro. Também encontrei moradores da região da Gamboa que parecem também se enquadrar nesse modelo de uso, como senhoras com sacolas de compras de mercado e homens em carros e motocicletas. No entanto, essas pessoas conheciam os moradores locais, o que indica que talvez sejam usuários frequentes, embora não façam um uso considerado problemático.

Um último aspecto que gostaria de destacar é como este espaço, embora degradado e em condições sanitárias bastante precárias, parece operar como local de socialização tanto de moradores como de frequentadores. Foram inúmeras as ocasiões em que presenciei o compartilhamento de crack ou roupas e alimentos doados por instituições, de forma tranquila e até descontraída. Os moradores parecem sentir-se seguros no local. Isto é bastante compreensível tendo em vista que a alternativa para a grande maioria seria voltar para as ruas com todas as vulnerabilidades que isso implica.

4. A História de Júlio

Do estranhamento inicial surgiram diversas oportunidades de troca e aos poucos fui percebendo que o uso problemático de drogas não os definia como sujeitos. As histórias contadas pelos moradores/frequentadores da ocupação Colombo também acabaram revelando um outro aspecto. Suas vivências, além de diversas, iam além da sua

relação com o crack, que atravessava suas histórias. O crack, assim, conta apenas a “metade da história”, penso. Vejamos o caso de Júlio, 32 anos:

Eu tô na pista já tem um ano. Fico na ocupação, durmo na rua, onde dá. Mas é porque a questão é: com a minha dependência eu tive que me adaptar ao que eu tenho. Então a rua foi o mais próximo que eu pude chegar. Eu sou paulista, do litoral, do Guarujá. Já estive na “Cracolândia”, é muita gente. Lá é o famoso inferno! O inferno ali dentro é constante porque você tem droga a todo momento, tem droga até de cinquenta centavos, vinte centavos, você tem droga pra tudo. Aqui no Rio é bom porque eu tenho que correr atrás pra poder usar a minha droga. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Segundo Júlio, com o uso problemático de crack a rua é o melhor para ele, onde ele pode “circular livremente” e ter uma vida errante, sem muitos vínculos. Como veremos mais adiante, desconfio que a escolha esteja atravessada pela questão da vergonha. Júlio destaca no trecho acima a facilidade que tinha na “Cracolândia”, região central de São Paulo, para acessar o crack. Como contraponto, diz que no Rio de Janeiro o acesso é um pouco mais difícil, o que para ele é melhor, uma vez que isso diminuiria um pouco o seu consumo e o obrigaria a “correr atrás”, desempenhando diversas atividades informais, que vão da reciclagem à venda de doces no sinal. Aqui, entendo que Júlio hesitava e não me contava toda a verdade, uma vez que a pedra de crack pode ser adquirida na rua ao lado, em outra ocupação, e custa cinco reais. Não é tão difícil assim conseguir o crack na ocupação. Não foram poucas as vezes em que encontrei pessoas oferecendo crack umas para as outras, mesmo eu era constantemente confrontado com tais convites.

O problema é, as pessoas julgam a gente, independente de você estar arrumado ou não. Eu, como usuário de crack, eu me visto bem, eu gosto de me arrumar. É rara as vezes em que eu estou sujo, porque querendo ou não eu tenho que ter uma consciência moral, do que eu aprendi, dos bons modos e bons costumes, da educação dos meus pais, que eu tenho que me manter limpo. O vício foi uma escolha errada? Foi. Mas a gente pode escolher em se manter higienizado. Eu comecei a usar cocaína com 19. Aí após ir morar junto de um amigo, ele fumava crack, e eu usava cocaína. Quando eu tinha, beleza! Aí chegou o dia em que eu não tinha cocaína e acabei optando por experimentar. O problema é aquele, quando a pessoa fala que a primeira vez é apaixonante, é verdade, não tem erro não, você se apaixona mesmo. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

No trecho acima, Júlio fala sobre o constrangimento que sente pelo julgamento que sofre das pessoas. Segundo ele, mesmo mantendo uma aparência “limpa e arrumada” seu uso de crack fica evidente, o que se reflete numa atitude de julgamento do outro. Aqui, nos remetemos a Cooley (1902) e Scheff (2000), quando ambos destacam como a vergonha emerge preferencialmente das relações sociais e, sobretudo, da percepção que tenho de como o outro me enxerga e da ameaça aos vínculos sociais. Outra questão muito

interessante que Júlio e outros entrevistados destacaram foi a questão do prazer. Segundo os relatos colhidos, o prazer que advém do uso do crack, principalmente nas primeiras vezes que experimentaram, poderia ser comparado ao prazer sexual. Essa perspectiva me foi passada diversas vezes durante as entrevistas. O uso do crack despertou também uma sensação de “poder”, entendido como vigor e/ou disposição. Sobre a questão do uso problemático, Júlio pensa que: Algumas pessoas mantêm o controle, tem alguns que trabalham, que correm atrás, que conseguem se manter: “Eu já vi muitos ‘ricos’ vindo aqui buscar crack, playboy, ‘alta sociedade’. E têm uma vida estável. A gente como não tem o costume de ter um dinheiro muito forte no bolso, a gente acaba perdendo tudo”. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Interessante perceber aqui como Júlio destaca que existem pessoas que conseguem usar crack e manter uma rotina de trabalho e outros afazeres. No entanto, para ele essas são apenas pessoas “ricas”, ou seja, dispõem de muito dinheiro e são parte da “alta sociedade”. Assim, esta não seria uma opção para os moradores/frequentadores da ocupação, uma vez que não possuem condições financeiras de manter o consumo de crack e uma “vida estável”. Aqui, a visão de Júlio é atravessada pela questão da renda. Acredita que se fosse “rico”, não teria problemas com crack. Essa parece ser uma visão equivocada, mas que pode ser explicada pelo estranhamento que causa em Júlio quando pessoas, provavelmente de classe média, aparecem na ocupação em busca de crack. O choque causado pela presença de pessoas bem-vestidas, de carro ou motocicleta, com crachás de empresas, que aparecem na ocupação em busca de um espaço “livre” para uso do crack, parece operar como marcador de uma distinção entre “nós” e “eles”. Dito de outra forma, me parece que a construção da identidade de “cracudo” não passa apenas pela questão do consumo, como também pela percepção que têm da visão do outro sobre eles. Nesse sentido, a vergonha pode atuar como uma forma de conferir sentido, aglutinando a construção de identidades sociais (Scheff, 2000). Sobre seu trabalho e ainda sobre a vergonha, Júlio nos conta que:

Com 31 anos eu vim pra cá, pro Rio. Eu sou garçom, trabalho na área de gastronomia, como você pode ver eu falo bem, converso muito bem, eu tenho a formação do segundo grau completo. Infelizmente, a minha profissão necessita que você tenha um controle mental muito bom e no uso você não tem. O que é interessante é que eu tenho dez anos de profissão, trabalhei com o Henrique Fogaça em São Paulo, sou gerente, sou maitre, mas estou nessa vida aqui por uma opção, uma escolha. Eu sinto vergonha, às vezes eu encontro pessoas que me reconhecem, isso é o que mais dói. Independente de qualquer coisa, o uso é pessoal, mas essa droga é maldita. Ela demonstra no seu olhar que você está nela. A cocaína é sociável, mas um dia ela transparece. A maconha é sociável, um dia ela transparece. Mas a pedra não, ela transparece a partir do momento em que você usa pela primeira vez. Ela é deplorável,

porém, quando eu tenho vergonha, a vergonha que sinto, às vezes eu saio de um lugar e vou pro outro. Então eu nunca tenho parada, eu sempre tô na pista. É porque num lugar onde eu sou pouco conhecido eu não vou sentir tanta vergonha, dá pra passar um tempo mais. Eu passei um tempo aqui, fui embora, fui pra Botafogo, Maracanã, depois voltei pra cá, entendeu? Por causa dessa questão. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Procurando se afirmar, Júlio destaca que fala bem, concluiu o ensino médio e que, atuando como garçom, já trabalhou para chefes renomados. É interessante destacar que de fato Júlio é muito articulado.

No entanto, o ponto que gostaria de destacar aqui é sobre a relação que desenvolvemos ao longo da entrevista. Júlio se referia a mim como “seu Rodolfo”, ou “professor Rodolfo”, numa atitude que marcava claramente o meu lugar ali. Nesse sentido, procurou construir uma imagem de alguém que teve uma boa educação, uma boa formação, bons empregos e que estava em situação de rua por uma opção sua. Ou seja, se ele não tivesse tomado essa decisão, seria “como eu”, ou melhor, como ele achava que eu nos percebia. Aqui, ele reforça a estratégia que utiliza para lidar com a vergonha que sente. Diante da sua escolha pelo crack, decide viver de forma “errante”, vagando pelos bairros do Rio de Janeiro, numa tentativa de disfarçar seu uso. Quando passa a ficar conhecido no bairro e, segundo ele, as pessoas percebem que se trata de um “cracudo”, ainda que “arrumado e de bons modos”, ele decide sair do local e se dirigir a outro, onde não é conhecido e pode desfrutar, pelo menos por algum tempo, de certo anonimato.

Júlio busca reforçar como é uma pessoa que se destaca pela inteligência e perspicácia:

Eu sou um cara que eu gosto muito de forçar a minha mente, então eu tenho um monte de palavra cruzada na minha bolsa, eu tenho sempre que fazer alguma coisa pra forçar a minha mente. O crack me ajuda a continuar pensando. Eu tenho que forçar a minha mente, eu tenho sudoku, palavra cruzada, numerix, eu leio, gosto muito de livro, principalmente do Dan Brown, eu já li ‘O Inferno’. Eu gosto muito de ler porque, querendo ou não, eu sei que um dia eu saio dessa vida. Todo mundo tem o direito de ter uma segunda chance, por que que eu não tenho? Independente de qualquer coisa, daqui a pouco tudo pode mudar, da água pro vinho. Deus não disse ‘vigiar e orar’? Então, você vigia primeiro que você sai disso. E continua orando, que é o que faço. Muito obrigado, seu Rodolfo. (Caderno de campo. Dezembro de 2022).

Para Júlio, o crack o ajudaria a “forçar a mente” ou “exercitar o cérebro.” Para tanto, ele mostrou uma série de revistas de palavras cruzadas, sudoku, entre outras, que carrega consigo na mochila. Também destacou como gosta de ler e me revelou que seu autor preferido é Dan Brown. Dessa forma, explica Júlio, ele procura se manter “ativo”, pois acredita que um dia vai deixar de usar crack, uma vez que acredita que todos devem

ter direito a uma segunda oportunidade. Mais uma vez Júlio procura me mostrar como é preparado. Para mim, fica nítido como ele tentava o tempo todo interferir no julgamento que achava que eu fazia dele.

Assim, a questão da vergonha emerge, mais uma vez como uma forma de construção de vínculo, onde a percepção que ele acha que tenho dele acaba contribuindo para a construção de sua própria autoimagem. Também gostaria de destacar o aparente paradoxo de alguém que julgava o crack um “inferno” ao mesmo tempo em que admitia que existem pessoas capazes de consumi-lo sem que isso necessariamente afete as outras áreas de suas vidas. Me parece, portanto, que Júlio incorpora uma visão ainda hegemônica no Brasil: a percepção social de que as drogas são extremamente perigosas.

5. (In)conclusões

Nesse contexto, proponho incorporar um novo ponto de vista, a partir da Antropologia das Emoções. Ao expressar seus sentimentos, sobretudo a vergonha, Júlio e outros entrevistados falavam de si para mim, mas também falavam para eles próprios, dando uma importância destacada ao que achavam que eu estava pensando deles. Não acredito que esta afirmação tenha a condição de “borrar” suas falas. Pelo contrário, acredito que reforce a noção de que as emoções estão intimamente ligadas à vida social “com os sentimentos sendo, a um só tempo, facultados e engendrados pelo lugar ocupado pelo sujeito na sociedade (...)” (Coelho & Rezende, 2011, p. 18). Com o auxílio desse referencial teórico, pude captar as especificidades de uma cena de consumo de crack até então não pesquisada e de atores diversos, com trajetórias atravessadas pelo crack sim, mas com visões de mundo, experiências e expectativas diversas.

O que busquei fazer foi pensar os aspectos intersubjetivos que compõem o quadro mais amplo sobre a questão do uso problemático de crack. É relevante destacar outros aspectos, para além do consumo da substância, como por exemplo os socioeconômicos, mas sobretudo a dimensão micropolítica das emoções (Rezende & Coelho, 2010), que pode nos ajudar a compreender a exclusão social e a existência de dispositivos de controle que vão desde o pretense monopólio das ciências médicas sobre o tema, ao estabelecimento de um marco legal e regulatório que parece não considerar os aspectos sócio-históricos na elaboração de políticas públicas que segregam e excluem muito mais do que atendem. Assim, busquei pensar a partir da questão do uso problemático de crack, a dimensão micropolítica das emoções, ou seja, pensar as emoções como um construto social.

Sobre a questão de menores em situação de rua, Milito e Silva (1995) nos dizem que:

Pode-se, no entanto, dizer que esses sujinhos serão os infratores de amanhã. Está é, sem dúvida, uma possibilidade, mas a relação medrosa ou evitação de qualquer relação podem estar a contribuir mais para a formação do futuro infrator que todo o trabalho de todas as instituições que ‘alimentam bandidos’. Até porque, já que estamos no território do lugar-comum, ódio e indiferença talvez conformem mais facilmente a psicologia do tipo delinquente que amor e atenção. (MILITO & SILVA, 1995, p. 51).

O raciocínio acima, aplicado aos menores em situação de rua, pode ser transportado para a situação dos usuários de crack, penso. São pessoas que devem ser “evitadas a todo custo”, passamos com pressa e nem olhamos. O desconforto que a presença “deles”, os “cracudos”, causa nos “outros”, os “cidadãos”, contribui fortemente na construção de um sentimento de desprezo, de nojo, de ódio. Dormem na rua, fazem suas necessidades nas calçadas, atrapalham o sono com barulhos e brigas durante à madrugada, assaltam e importunam. É nesse quadro que gostaria de propor que a vergonha pode ser entendida como a maneira pela qual os moradores/frequentadores da ocupação acabam por internalizar essa “cultura da evitação” (Milito & Silva, 1995). Nos depoimentos colhidos, como o de Júlio, a vergonha surge como expressão de um “ressentimento” pela forma como são vistos e tratados pelos “outros” e se reflete na própria “construção de si.”

Com essa linha de análise, busco um outro olhar para a questão do uso problemático de drogas em geral e do crack em particular, numa perspectiva que desloque o enfoque de uma questão médico/judicial e abrace a dimensão humana como um todo, envolvendo também os aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais.

É necessário que se formule uma nova política de drogas, uma proposta que garanta informação e educação, esclarecimento para que futuras decisões sobre uso ou não de determinadas substâncias sejam informadas, esclarecendo todos os riscos implicados e possíveis consequências, assegurando que adultos tenham o direito de escolher como desejam viver as suas vidas e tenham o pleno controle sobre os seus corpos. Obviamente, isso implica na garantia de procedência de substância e no direito ao tratamento para situações de uso extremado.

No que diz respeito aos meus interlocutores, acredito que suas possibilidades de escolha foram drasticamente reduzidas em função da sua própria trajetória, atravessada por episódios de violência e privação que, provavelmente, acabam por obscurecer a sua capacidade de tomada de decisão. Portanto, imagino um cenário no qual as condições

mínimas de dignidade sejam garantidas: o direito a um teto, à alimentação e a garantias individuais básicas que poderiam lhes dar o estofamento necessário para superar as adversidades que experimentaram, resultado de um modelo excludente que nega a alguns dos seus o direito de explorar plenamente todas as suas potencialidades humanas.

6. Referências

ALVES, Ygor. A Cracolândia como “Communitas” e o frade craqueiro. Publicado em Ramminger, Tatiana & Silva, Martinho (Organizadores). *Mais substâncias para o trabalho em saúde com usuários de crack*. 1ª Edição. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

_____. *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo*. Salvador: Edufba: Cetad, 2017.

ARAUJO, Erick. *Funcionamentos de instituições em cenas de uso de crack: um estudo etnográfico*. Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e0019529, 2019.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462019000200505&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

ASSUMPTÃO, Erick Luiz Araújo de. *A vida em cenas de uso de crack: ensaio de análise institucional e bioética*. Niterói: 2016. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Medicina, 2016.

BECKER, Howard. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

CARNEIRO, Henrique. *Drogas: a história do proibicionismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

CESEC (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania). *Relatório Drogas, quanto custa proibir*. 2021. Disponível em: <https://drogasquantocustaproibir.com.br/>

COELHO, Maria Claudia. In: LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. *Mana* [online]. 2012, vol.18, n.1 [cited 2014-09-24], pp. 213-224.

_____. Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções, In: *Mana – Estudos de Antropologia Social*, 16 (2), outubro de 2010.

_____. Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileira de Writing Culture. In: Clifford, James; Marcus, George E. (orgs.). *A escrita da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2016.

_____. As emoções e o trabalho intelectual. *Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p.273-297, maio/ago.2019.

_____. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcellos. *Cultura e sentimentos: ensaio em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2011.

COOLEY, Charles Horton. *Human Nature and the Social Order*. New York: Scribner's, 1902, pp. 179-185. Disponível em: <https://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Blumer/Charles%20Horton%20Cooley%20-%20Looking%20Glass%20Self.htm>. Acesso em 31/07/2022.

DUALIBI, Lígia Bonacim; RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo. Profile of cocaine and crack users in Brazil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, supl. 4, p. s545-s557, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001600007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

FERNANDES, Adriana. Arte do Contornamento e ocupação de Moradia no Rio de Janeiro. *Revista de Ciências Sociais*, n. 40, abril de 2014, pp. 311-333.

IORE, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: *Álcool e drogas na história do Brasil*. Renato Pinto Venâncio, Henrique Carneiro. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2005.

_____. *Substâncias, sujeitos e eventos: uma autoetnografia sobre uso de drogas*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo. Ed. Loyola, 1970.

_____. *Os Anormais*. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FROMM, Deborah (1992). *O "fim da Cracolândia": etnografia de uma aporia urbana / – Campinas, SP: [s.n.], 2017*. Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida. Coorientador: Taniele Cristina Rui. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FRUGOLI JR., Heitor; SPAGGIARI, Enrico. Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called cracklandia ["crackland"]. In *São Paulo. Vibrant, Virtual Braz. Anthr*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 550-579, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412011000200027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Ed. LTC – Livros Técnicos Científicos, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro & BARBOSA, Raoni Borges. *A vergonha no self e na sociedade: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*. Recife: Bagaço, 2016.

LUTZ, Catherine & Geoffrey M. White. The Anthropology of Emotions. *Annual Review of Anthropology*, vol. 15, 1986, pp. 405-36.

LYND, Helen Merrell. *On shame and search for identity*. New York, Harcourt, Brace & World, Inc. 1958

MATTAR, Marina. Entre a ameaça e a proteção: categorias, práticas e efeitos de uma política de inclusão na Cracolândia de São Paulo, *Horizontes Antropológicos* [on-line], 50 | 2018, posto on-line no dia 03 abril 2018, consultado em 19 abril 2019. URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1928>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

MEAD, George Herbert. *Mente, self e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MENEZES, Palloma Valle. Monitorar, negociar e confrontar: as (re) definições na gestão dos ilegalismos em favelas “pacificada”. *Tempo Social* 30 (2018): 191-216.

MILITO, Cláudia & SILVA, Hélio R.S. *Vozes do meio fio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

MILLER, William Ian. *The Anatomy of disgust*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Tradução: Dorgival Caetano, 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

PEDROSA, Sheila Mara et al. A trajetória da dependência do crack: percepções de pessoas em tratamento. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 69, n. 5, p. 956-963, out. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000500956&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 05 de maio de 2019.

Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras? / organizadores: Francisco Inácio Bastos, Neilane Bertoni. – Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.

RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). *Ciência. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.16, n.5, p. 2613-2622. Maio 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000500031&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

REZENDE, Claudia Barcellos & COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010 (versão digital).

ROSALDO, Michelle Z. 1984. Toward an anthropology of self and feeling. In: Shweder, Richard A.; LeVine, Robert A., *Culture theory. Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 137-157.

RUI, Taniele, 1982. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Campinas, SP: [s. n.], 2012. Orientador: Heloisa Andre Pontes. Co-orientador: Simone Miziara Frangella. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. Nojo, humilhação e vergonha no cotidiano de usuários de crack em situação de rua, *Anuário Antropológico* [On-line], v.46 n.3 | 2021, posto on-line no dia 28 setembro 2021, consultado em 09junho 2023. URL: <http://journals.openedition.org/aa/8925> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.8925>

SCHEFF, Thomas J. *Microsociology: Discourse, emotion, and social structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

_____. Shame and the Social Bond: A Sociological Theory. *Sociological Theory*, vol. 18, no. 1, 2000 (1), pp. 84–99. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/223283>. Accessed 31 Jul. 2022.

_____. Shame as the master emotion of everyday life. *Journal of Mundane Behavior*, 1(3), 2000. <https://doi.org/info:doi/>. Acesso em 31/07/2022.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. Memória, trauma e identidade :trajetórias na Irmandade de Narcóticos Anônimos. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 74-87, jan./jun.2019. ISSN: 2358-4238.DOI: 10.29373/sas.v8i1.12476.

_____. *Uma Nova Maneira de Viver: (re)construção de identidades em Narcóticos Anônimos*. 1. ed. Rio de Janeiro: PoD Editora, 2024. v. 1. 196p.

_____. *Segue o “fluxo”! Emoções a partir de uma etnografia numa cena de uso de crack no centro da cidade do Rio de Janeiro*. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Sociais. Defesa em 29/05/2024

_____. *Caderno de Campo*. (fevereiro de 2021 - agosto de 2023).

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. Observando o familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION AND UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *International standards for the treatment of drug use disorders: revised edition incorporating results of field-testing*. Geneva: World Health Organization and United Nations Office on Drugs and Crime; 2020. License: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331635>